

O DRAMA DA COR EM UM SILENCIOSO PRANTO: MEMÓRIAS E RESISTÊNCIAS AFRICANAS E AFRODESCENTES

Jandira Francisco Domingos

E-mail: jandirafranciscodomingos@gail.com

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

V Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2025

Resumo. *Este trabalho tem como propósito fulcral analisar e discutir os enredos sociais, historicamente, que permeiam o corpo negro africano e afrodescendente, em situação de diáspora, por meio da obra “Djidiu a herança do ouvido: doze formas mais uma de se falar da experiência negra em Portugal”, uma obra organizada pela Afrolis Associação Cultural, onde reúne diversos poemas que verbalizam as experiências e vivências das pessoas negras no mundo europeu, principalmente o português. Neste sentido, corpos e memórias de poetas negros africanos e afrodescendentes (os quais destacam-se portugueses, brasileiros e africanos/as dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)), destacam-se nas entrelinhas poéticas dessa obra sobre a dificuldade de existir e (re)existir dentro de um corpo civil que reforça estereótipos e caricaturas em volta do ser negro e de suas múltiplas formas de manifestação, lido, em todo instante, a partir de uma subalternidade e do “dócil” grito dos senhores do engenho. Trata-se, portanto, de trabalho, elaborado partir do método bibliográfico exploratório, resultante da reflexão sobre os corpos negros em situações diaspóricas, conforme enunciado pela intelectual Beatriz Nascimento, no documentário “Ôri”, lançado em 1989, na compreensão de corpos-documentos, portadores de memórias e de resistências do passado colonial português escravocrata.*

Palavras-Chave. *Corpo, memórias, resistências.*

Abstract. *This work's central purpose is to analyze and discuss the social*

entanglements, historically, that permeate the Black African and Afro-descendant body in diaspora, through the work "Djidiu, the inheritance of the ear: twelve ways plus one of speaking about the Black experience in Portugal," a work organized by Afrolis Cultural Association, which brings together several poems that verbalize the experiences of Black people in the European world, primarily the Portuguese. In this sense, the bodies and memories of Black African and Afro-descendant poets (notably Portuguese, Brazilian, and Africans from Portuguese-speaking African Countries (PALOP)) are highlighted in the poetic subtext of this work about the difficulty of existing and (re)existing within a civil body that reinforces stereotypes and caricatures surrounding the Black being and its multiple forms of manifestation, read, at all times, from a subalternity and the "docile" cry of the sugar mill owners. Therefore, it is a work, developed using the exploratory bibliographic method, resulting from the reflection on black bodies in diasporic situations, as stated by the intellectual Beatriz Nascimento, in the documentary "Ôrí", released in 1989, in the understanding of document-bodies, bearers of bodies, bear memories and resistance from the Portuguese colonial slave-owning past.

Keywords. *Body, memories, resistance.*

1. Considerações Iniciais

Dignidade tem cor e terra
Não é preta
e não vem do tal berço da humanidade
(ATIJA ASSANE)

A obra “Djidiu - a herança do ouvido: doze formas mais uma de se falar da experiência negra em Portugal” leva-nos a refletir sobre corpos negros em situações diaspóricas, conforme enunciado pela intelectual Beatriz Nascimento, no documentário “Ôrí”, lançado em 1989, na compreensão de corpos-documentos. Isto é, corpos portadores de memórias e de resistências do passado colonial português escravocrata e de um presente desafiador, porém que, sobretudo, ressoam a essência do manifesto das palavras cantadas, por meio dos tambores do seio da Mãe África. São corpos que ecoam liberdade, e se fundem no entoar dos cânticos ancestrais de Bambara e dos diversos quilombos, os quais eternizam a memória coletiva, que ultrapassa os limites impostos pela visão de humanidade colonial e imperial (URBANO, 2015).

Nesta perspectiva, corpos negros, descritos na obra analisada, verbalizadas pelas mesmas vozes (negras africanas e afrodescentes) expressam o manifesto de sua existência, em toda sua dimensão, quer seja histórica ou cultural, dentro desse corpo social português, que, não obstante, carrega, em sua história, legados extremos de opressão, especificamente das travessias transatlânticas, com o tráfico negreiro, invasões nas terras do continente africano e americano, e a implementação de seus colonialismos racistas, em nome de sua “boa” civilização. Como menciona Achille Mbembe (2014), é ler esse corpo, em sua completude, e extrapolar descrições “habituais” coloniais e racistas, que o reduzem pela cultura ocidental branca, pela questão de seu fenótipo, dentre eles a aparência e a cor, que, obviamente, não assemelham-se ao modelo ou padrão de corpos, manifestados e descritos nessas sociedades, incluindo Portugal e Brasil.

Portanto, para a discussão dessa temática¹, afim de melhor discutir esta proposta, este escrito está organizado em duas seções principais, além da introdução,

¹ Este trabalho é fruto da pesquisa realizada, com apoio da **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001**, durante o período de

da metodologia, e das considerações finais. A primeira seção denominada “o drama que atravessa a pessoa negra”, compondo a seção de discussão e resultados, terá como centro de abordagem literária a análise, por meio dos poemas da “Djidiu - a herança do ouvido: doze formas mais uma de se falar da experiência negra em Portugal”, os principais dramas da pessoa negra na sociedade portuguesa, que configura como um dos principais debates, no que diz respeito a reparação histórica de negros afrodescentes e africanos no espaço social português.

A segunda seção, constituindo também a parte de discussão e resultados, denominada “Volta Para Tua Terra”, centrar-se-á no debate dos principais desafios que permeiam a pessoa negra afrodescendente e africana na sociedade portuguesa. Essa análise terá como apoio teórico a obra “Volta Para Tua Terra: Uma Antologia Antirracista/Antifascista De Poetas Estrangeirxs Em Portugal”, publicada em 2021, uma coletânea que reúne autores/as africanas, afrodescentes (a maioria portuguesa), brasileiras/as, residentes em Portugal, com múltiplas vivências e dramas compartilhados.

2. Metodologia

No que tange a metodologia, esta pesquisa enquadra-se nos estudos exploratórios e descritivos sobre a condição de africanos/as e afrodescentes (que são pessoas negras portuguesas), tendo como principal fonte literária a obra “Djidiu - a herança do ouvido: doze formas mais uma de se falar da experiência negra em Portugal”, em consonância com a obra, também, literária “Volta Para Tua Terra: Uma Antologia Antirracista/Antifascista De Poetas Estrangeirxs Em Portugal”, que traduzem a poesia como um espaço de reafirmação cultural e histórica, dentro da sociedade portuguesa com diversos resquícios de seu passado colonial de opressão, acentuado visivelmente em seu corpo social.

Para isto, revisitamos, de igual modo, o romance *Deus Dará*, da escritora portuguesa Alexandra Lucas Coelho, publicado em 2019, o qual narra diferentes estágios da escravidão portuguesa, em que pessoas africanas, acorrentadas em navios, em direção ao Brasil e a grande metrópole desse estado colonial, nesse caso Portugal e Brasil. Portanto, são análises usando o método bibliográfico-exploratório dessas obras

intercâmbio em Lisboa, em Portugal, na Universidade de Nova de Lisboa, com o projeto “Mulheres nas literaturas e artes visuais: as representações de indígenas e afro-brasileiros(as)” (UFSC).

detalhadas acima, para abordar e discutir a opressão e dramas da vivência de pessoas negras africanas e afrodescentes, em Portugal, uma nação com fortes indícios desses processos já mencionados e detalhados ao longo do texto.

2. Discussão e Resultados

2.1 O drama que atravessa a pessoa negra

Nesta seção, inicialmente, cabe-nos recuperar, a partir Mbembe (2014), em sua obra *Crítica da razão negra*, as discussões que permeiam a pessoa negra, em sociedades ocidentais, onde ela é lida, constantemente, sob a ótica da codificação de sua cor e aparência. As quais não se equiparam ao modelo de corpo manifestado nessas sociedades, ou da imagem de ideal civilizatório, e das formas de pensamentos “válidas” e predominantes, incluindo inclusive, na mesma magnitude, os ideais de beleza. Essas codificações reforçam e mantêm os imbróglis e o exotismo em torno das pessoas negras africanas e afrodescentes, de diversas diásporas, que são expressamente, de igual modo, atravessadas por pensamentos coloniais de raça, gênero e classe, assim como mencionado em um dos poemas do Djidiu “Eu sei”, da escritora Cristina Carlos (2017, p.1):

Eu sei que sou negra,
É impossível esquecer, mesmo que queira
Não me consigo esconder de todos os espelhos
Tapei os que estavam pendurados na minha casa
Alisei o meu cabelo, afinei o português e cantei o fado dos heróis do mar
Mas os outros espelhos me perseguem
Espelhos que brilham nos olhos dos outros
Que procuram a raiz do meu cabelo, no gingar do meu andar [...]

O drama da pessoa negra reflete-se em seu corpo-memória ou em suas escrevivências, trazendo em diálogo a escritora e intelectual brasileira Conceição Evaristo (2017), que dizem respeito, dentro de uma coletividade, sobre suas experiências étnicas (raciais e culturais) e de gênero, escrita em leves plumas, mas de resistências, em uma sociedade (portuguesa), que se beneficiou da escravidão e do colonialismo em África e nas Américas. Portanto, essa questão também é trabalhada no romance *Deus Dará*, da escritora Alessandra Lucas Coelho, no qual destaca que os

corpos que foram arrancados de seus territórios, e submetidos a torturas inimagináveis em diversas travessias transatlânticas, se parecem com as pessoas que sofrem com o drama da cor, e tudo porque nasceram negros. Assim, como é descrito no trecho abaixo do poema “Menina Perfeita”, de Cristina Carlos, na obra Djidiu:

Lacrado em meu corpo. Existo.
Sou revolução. Odiada pela minha aparência.
Posta em causa pela minha aparência.
Prova viva da violação.
Prova viva da lubrificação.
Prova viva da rebelião da carne e do espírito.
Não sou gente, sou dúvida. (p.3)

O drama da cor, ou da pessoa negra, vai se intensificando até na atualidade, pois, como menciona a escritora e psicóloga portuguesa Grada Kilomba (2019), em seu trabalho *Memórias da Plantação*, estamos mergulhados em um mundo que se reconstrói e se reestrutura através da ordem violenta colonial, tendo em conta as relações desiguais de poder da “raça”. Por este motivo, de acordo com Kilomba (2019), o corpo negro é um corpo que sente o peso do mundo branco e dos discursos acadêmicos sobre a sua própria negritude. Isto é, é um corpo que auto escreve-se e explora-se nesses mesmos lugares de opressão, no qual são recriados como espaços de resistência frente aos silêncios sobre o mundo colonial e das diversas formas de hegemonia dos regimes da branquitude.

Vale sublinhar que o drama da cor percebe-se, na tão amada contemporaneidade, nas diversas linguagens coloniais que configuram o mundo branco atual, os quais são explicitadas de formas sutis através dos gestos, atitudes, olhares, como menciona Frantz Fanon (2008), em sua memorável obra *Pele negra, máscara branca*; e principalmente em discursos acadêmicos sobre os estudos das “eras dos descobrimentos” ou de “viagens marítimas” (ao invés da denominação “invasões marítimas”), que são ideias que glorificam o passado pérfido escravocrata e colonial, pois as mesmas palavras continuam a ecoar em caixa alta:

O MUNDO JÁ ERA ASSIM. SEMPRE HOUVE ESCRAVATURA. OS PRÓPRIOS AFRICANOS TAMBÉM ESCRAVIZAM. PORTUGAL NÃO INVENTOU O TRÁFICO COLONIAL. PORTUGUAL NÃO FEZ NADA QUE OS OUTROS NÃO FIZERAM (COELHO, 2019, p.447).

Portanto, o discurso e a retórica mudaram, pois, os colonialistas também se modernizaram com a dinâmica do mundo. Todavia, a imagem, o corpo, a cor e o cabelo depreciados anteriormente permanecem padecendo, mesmo com o final do tráfico negreiro, ou com o final do regime ditatorial do estado-novo português, em 1974, ou com o fim do colonialismo português em África, em 1975. As sociedades mudaram, assim como os seus *modus operandi*, porém, como diz Elsa Soares (2002), a carne mais barata do mercado continua sendo a carne negra. Uma ideia que reforça que, apesar das diversas abolições mercantis escravocratas e dos términos das invasões em terras que julgaram “sem leis” e “bárbaras”, o opressor ainda afia o seu grito em uma direção conhecida desde os primórdios da instauração da sua civilização, (ANZALDÚA, 2000).

2.2 “Volta Para Tua Terra”

A questão central deste debate, por mais dolorosa que seja, é justamente analisar e descrever estes dilemas que estão em volta da pessoa negra, e do “ser negro”, em sua máxima completude, assim como os seus espaços, onde existem e (re)existem. Pois, a civilização europeia e seus representantes são responsáveis pela perduração desses dramas, supracitados ao longo deste escrito. Assim como reitera Fanon (2008), o racismo colonial ou a segregação racial, que atravessou diversas sociedades, não difere de outros racismos, pois todos são ações violentas. Nessa linha de pensamento, o “eu” poético do poema “Outra educação”, de Carla Lima, da obra analisada, sublinha:

No mapa do mundo da minha Geografia
Aprendi Portugal, as Europas e as Américas
Passei a correr pela Ásia e o Médio Oriente
E no final do ano nunca havia tempo para África
Aquele pedaço de terra sem lei
Cuja capital é a corrupção, rica em doenças raras e guerras tribais
E que tem como principal matéria de exportação: escravos!

De acordo com Walter Mignolo (2023), com ênfase inicial de Aníbal Quijano, este fato chama-se colonialidade, uma ação que pertence a matriz ou padrão colonial de poder, a qual oculta o seu complexo por detrás da loquacidade do processo de salvação e de felicidade, discursos que são próprios da modernidade branca. Nesse contexto, afirmamos que o corpo negro é um corpo marcado e situado historicamente, de maneira extensiva, em espaços precíveis, carentes e paupérrimos, o qual descreve-se a partir de

uma visão periférica, normalmente, do sul global, que aguarda a figura do salvador branco do norte global, conforme descrito no poema “Homem de Cor”, de Costa Neto, publicada na primeira edição da antologia “Volta Para Tua Terra: Uma Antologia Antirracista/Antifascista De Poetas Estrangeirxs Em Portugal”, em 2021:

Sou balanta, sou kimbundo
Sou badio, marronga ou angular
Continental ou insular
Há quem me chame homem de cor
[...]
Sou exótico p’ra a folia
Sou selvagem quando incomodo
Sou dos teus quando convém
Sou o tal homem de cor
Dizem que sou do terceiro mundo
E, segundo bocas infames
Neste universo sem primeiro
Nem civilizado sou [...]

Os corpos negros africanos e afrodiaspóricas, racialmente demarcados pelas fraturas de seus passados históricos, sangram (como sempre sangraram) e gemem com o alvorecer de cada manhã, enfrentando a eurocentricidade do mundo global, que exprime de forma aberta a sua supremacia. Por isso, a escrita desses corpos é uma ação urgente e necessária. Como reitera a intelectual Glória Anzaldúa (2000), em seu trabalho “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, há uma imperiosidade de escrever o dito e o não dito sobre os dramas que cercam, em especial, as mulheres negras desde a antiguidade; necessita-se registrar o que os outros ocultam e silenciam no tocante a história negra de resistência; e deve-se, contudo, reescrever as histórias mal escritas e contadas acerca desses corpos e de seus espaços.

Uma das questões a se ter conta nesta descrição, acerca do olhar branco a respeito do corpo e do ser negro, de acordo com Grada Kilomba (2019), são as lutas, as experiências, o conhecimento, a compreensão e os sentimentos das pessoas negras sobre o racismo, bem como as cicatrizes mentais deste fenômeno violento. Isto é, o pranto psíquico que cerca as pessoas negras concebem-se em um não reconhecimento e em um não pertencimento (especificamente de pessoas afrodescentes), bem como na falta de identidade enquanto sujeitos (ALMEIDA, 2023). Como reforça, a escritora portuguesa

Djamília de Almeida (2023), a própria negritude é um drama cerebral nesse mundo, onde a liberdade de uma pessoa negra termina onde um branco deseja que ela termina (FERNANDES, 2017).

3. Considerações finais

Portanto, os dramas que permeiam corpos negros africanos (em situação de diáspora) e afrodescentes são reais, descrevem e concebem-se em feridas, cicatrizes físicas e psíquicas, criadas historicamente, as quais continuam sendo recriadas atualmente. Isto nos conduzem para uma reflexão mais profunda sobre como estes corpos negros são falantes (expressão usada na obra Djidiu), e sobre questões como o próprio Negro, raça e gênero. Como destacamos anteriormente, por meio de Achille Mbembe, configuram-se como assuntos que nunca foram congelados pelo grande mundo global eurocêntrico, que se reinventa nos discursos de “raça neutra” e da inexistência de racismo.

Nesse sentido, ao final deste trabalho, com a finalidade analisar e discutir os enredos sociais, historicamente, que permeiam o corpo negro africano e afrodescente, em situação de diáspora, por meio da obra “Djidiu a herança do ouvido: doze formas mais uma de se falar da experiência negra em Portugal”, mesmo este configurando-se como pesquisa contínua, cabe nos afirmar a difícil vivência de pessoas negras, quer seja africana e afrodescente, em situação de diáspora, especificamente em Portugal, uma sociedade também erguida com os punhos das travessias transatlânticas (tráfico negreiro). Pois há vários condicionantes de reafirmação dessa difícil vivência e permanência da mulheres e homens negros, destacados de igual modo nas obras analisadas, nessa sociedade, que vive em uma constante negação e silenciamento da violência colonial e escravocrata, que mudaram os rumos das sociedades africanas e americana colonizadas por Portugal, as quais viram o curso de seu desenvolvimento interrompida, com a implementação dos ideais civilizatórios cruéis europeus.

4. Referências

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. **O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo**: ensaios. São Paulo: editora todavia, 2023.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 8, p. 229-236, 1º semestre/2000.

CÉSAR, R. do N.; FERREIRA, C. B. de C. .; QUEIROZ, V. . ELZA SOARES: : DOS ALFINETES À CARNE NEGRA. **Revista Educação e Ciências Sociais**, [S. l.], v. 3, n. 5, 2020. DOI: 10.38090/recs.2595-9980.2020.v3.n5.59-79. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/cienciassociais/article/view/9545>>. Acesso em: 12 jul. 2025.

COELHO, Alexandra Lucas. **Deus-dará**: sete dias na vida de São Sebastião do Rio de Janeiro, ou o apocalipse segundo Lucas, Judite, Zaca, Tristão, Inês, Gabriel & Noé. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência**: a escrita de nós-Reflexões sobre as obras de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Carla (org.). Djidiu – **a herança do ouvido**: doze formas mais uma de se falar da experiência negra em Portugal. Lisboa: Vadaescrevi, 2017.

MELO, Manuella Bezerra de; MOURÃO, Wladimir Vaz (orgs). **Volta para tua terra**: não há abril sem imigrantes. 1ª edição. Ed. Urutau, 2024.

MELO, Manuella Bezerra de; MOURÃO, Wladimir Vaz (orgs). **Volta para tua terra**: uma antologia antirracista/antifascista de poetas estrangeirxs em Portugal. 1ª edição. Ed. Urutau, 2021.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica, pensamento independente e liberdade decolonial. **Revista X**, Curitiba, v. 16, n. 1, p. 24-53, 2021. Disponível em <<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/78142/43060>>. Acesso em: 29 mar. 2023.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

ÔRÍ. Direção de Raquel Gerber. Brasil: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda, 1989, vídeo (131 min), colorido. Relançado em 2009, em formato digital.

Disponível em: <

<https://www.facebook.com/uniaodetodasasnacoes/videos/1878768139068550/>>.

Acesso em: 20 jan. 2019.

URBANO, Flagelo. Ermo – griot: mestre da literatura oral, 2015. Youtube. Disponível

em: < <https://www.youtube.com/watch?v=VkM7gf6VTT4>>. Acesso em: 20 jan.

2019.